

HISTÓRIA E EPOPEIA EM JOSÉ CRAVEIRINHA
– UMA LEITURA SOBREPOSTA
DE *KARINGANA UA KARINGANA* E *XIGUBO*

Lourenço do Rosário*

No âmbito acadêmico, quando se recebe uma proposta para escrever algo sobre o poeta José Craveirinha, a sensação sentida é a de que nada mais resta que venha a ser novidade a apresentar, quer para os especialistas craveirínhicos quer para os estudiosos em geral da matéria. Mesmo no que toca a subsídios de natureza teórica, extraídos do estudo das obras deste autor, quase tudo já foi abordado e trazido a público.

Entendeu a Prof.^a Dr.^a Carmen Lúcia Tindó Secco encomendar-me um estudo sobre este poeta, tendo como particularidade o fato de eu ter de cingir-me às obras *Karingana ua karingana* e *Xigubo*. Trata-se de um desafio, tendo em vista que, nas minhas digressões pela literatura escrita, jamais me atrevi a espreitar o mundo poético deste que é hoje o poeta-mor da nossa literatura, em Moçambique, e dos mais brilhantes escritores de língua portuguesa no século XX. Contudo, o desafio, longe de me desanimar, incentivou-me a desenvolver a proposta na perspectiva da história e epopeia de meu povo. *Karingana ua karingana* – «era uma vez» – e *Xigubo* – «o troar dos tambores em dança guerreira» – são livros que expressam o percurso corajoso de um povo, plasmado pelos poemas.

De história e epopeia, em Craveirinha, pode-se encontrar um pouco em quase todos os estudos feitos a respeito da obra do poeta, de um ou de outro ângulo. É por isso que sempre me pareceu redundante falar de Craveirinha, pois tropeça-se, quase página a página, em algo que já foi dito e redito.

Não é de todo possível recensear aqui o universo daqueles que alguma vez já abordaram a produção literária do poeta, em teses acadêmicas, ensaios, conferências ou simples artigos. Contudo, quero aproveitar este espaço para, de uma forma rápida, alinhar o principal das ideias apresentadas e que constituem a espinha dorsal dos estudos acerca da poética craveirínhica. A ordem por que indico os nomes dos estudiosos é totalmente aleatória, não indiciando qualquer grau de importância pelas ideias e opiniões produzidas. Assim, de entre muitos e muitos, vou tentar extrair o denominador comum que encontrei nos estudos de Fátima Mendonça, Ana Mafalda Leite, Carmen Lúcia Tindó Secco, Gilberto Matusse, Maria Nazareth Fonseca, Terezinha Taborda Moreira, Francisco Noa, Rita Chaves, Calane da Silva, Luís Cezerillo; em todos estes aqui citados e muitos mais que não nomeio, mas que

*Reitor da Universidade Politécnica de Moçambique, em Maputo; Doutor em Literaturas Africanas; Professor Visitante da Universidade Nova de Lisboa. Publicou vários livros, entre os quais *A Narrativa Oral Africana*.

trabalharam Craveirinha, o encontro da recorrência é, em primeiro lugar, o reconhecimento de que a importância do texto do poeta está na reivindicação de um tempo e de um espaço para o nascimento de um povo orgulhoso de si. Os recursos adotados na poética de Craveirinha convivem, de uma forma intertextual, face a face, com a cultura tradicional moçambicana e com a cultura ocidental, que, por muito tempo, beneficiou-se de um protagonismo dominante e ilegítimo. Da confrontação desse face a face intertextual resulta a riqueza inovadora da poética craveirínica que o torna simultaneamente reconhecido por uns e outros. E a língua portuguesa não é mais que um paradigma do «Cavalo de Tróia» de que o poeta se serve para introduzir-se no baluarte do outro, levando consigo as armas de combate e a semente de um novo dia. Mesmo quando se socorre de instrumentos estéticos que vangloriam a pretensa superioridade cultural e estética do mundo do outro, tal atitude não é mais do que uma manobra para, de posse dessa arma, voltá-la contra os próprios dominadores, reinventando o mito de Caliban e Próspero.

As diferenças de abordagem são essencialmente de natureza performativa, dependendo do talento, fôlego e objetivo de cada autor. Com a evocação de todos quantos, de uma forma ou de outra, abriram pistas para a melhor compreensão daquilo que se encontra por detrás e por dentro da obra de José Craveirinha, resta-me tomar essas referências instrumentais que a reflexão teórica produziu. A minha proposta de responder ao pedido de Carmen Lúcia é a de reforçar o que é convicção dos vários estudiosos quanto ao papel importante que Craveirinha desempenhou como inspirador dos concidadãos ao combate e instigador da busca de um eu moçambicano, descrevendo os contornos desse mesmo eu, profetizando seus feitos, prognosticando seu destino.

História e epopeia em Craveirinha se entrecruzam, por um lado, no poema etiológico que nos narra sua origem: «venho de um país que ainda não existe», e, por outro, no profético «Sia-Vuma» e em «Manifesto», poemas em que há a proclamação de um programa de luta, a procura de objetivos e a definição de uma metodologia estética.

Se prestarmos atenção ao texto de nosso hino nacional – semelhante, em vários aspectos, aos textos dos hinos nacionais de outros países –, ali encontraremos a síntese da história e da epopeia do nosso povo na era moderna, tendo como referência principal a erradicação do colonialismo, o combate a adversidades diversas – as naturais e as colaterais –, a batalha contra a pobreza, a luta pelo desenvolvimento e pela certeza de um futuro melhor. Os hinos nacionais são poemas de glorificação que consubstanciam a coesão do povo e o orgulho pela cidadania, apelando para o sentido patriótico de cada um e de todos.

Craveirinha é um poeta que participa na saga fundadora e na promoção do sentido de cidadania; por isso, os seus poemas também inspiraram a letra e a essência de nosso hino nacional. *Karingana ua karingana* e *Xigubo* são duas faces de um mesmo processo. Por um lado, são um canto de exaltação e narração de nossa

história, buscando fontes no dia-a-dia, na nossa vasta riqueza cultural, plasmada na tradição oral, por intermédio da qual a literatura e as práticas artísticas moldaram, estética e ficcionalmente, a maneira de ser e de estar de nossas gentes; por outro, anunciam a boa nova da chegada da liberdade, mas alertam para o fato de que, para alcançá-la, não se pode evitar qualquer tipo de sacrifício e dor, pois, conforme está consagrado nas sagas e narrativas orais, quase todos os triunfadores tiveram que enfrentar terríveis obstáculos antes de alcançarem suas vitórias.

A leitura de *Karingana ua karingana* e *Xigubo*, que pretendo efetuar, se assenta num plano sobreposto, ou seja, numa dupla perspectiva que aborda, de um lado, a linguagem, o ritmo, as figuras de estilo e, de outro, a história e a epopeia do povo moçambicano. Na luta para conquistar a liberdade e construir a nação, o povo teve de vencer dificuldades e percalços, embora pressentisse a certeza da vitória, uma vez que podia ter como paradigma seus heróis, mitos, lendas, fábulas, sagas e narrativas.

Voltando ao hino nacional que foi adotado após a implantação do sistema multipartidário, por aclamação de todos os Partidos com representação parlamentar, sabe-se que a letra do mesmo foi elaborada ainda em vida de Samora Machel, portanto, ainda sob o regime monopartidário, marxista-leninista. Este fato testemunha que, apesar da mudança de regime, o fundamental dos objetivos das lutas dos moçambicanos ultrapassa as barreiras das diferenças que os processos políticos criam.

HINO NACIONAL DE MOÇAMBIQUE

Na memória da África e do Mundo
 Pátria bela dos que ousaram lutar
 Moçambique o teu nome é liberdade
 O sol de Junho para sempre brilhará
 Moçambique nossa terra gloriosa
 pedra a pedra construindo o novo dia
 milhões de braços, uma só força
 ó pátria amada vamos vencer
 Povo unido do Rovuma ao Maputo
 colhe os frutos do combate pela Paz
 cresce o sonho ondulando na bandeira
 e vai lavrando na certeza do amanhã
 Moçambique nossa terra gloriosa
 pedra a pedra construindo o novo dia
 milhões de braços, uma só força
 ó pátria amada vamos vencer
 Flores brotando do chão do teu suor
 pelos montes, pelos rios, pelo mar
 nós juramos por ti, ó Moçambique:
 nenhum tirano nos irá escravizar
 Moçambique nossa terra gloriosa
 pedra a pedra construindo o novo dia
 milhões de braços, uma só força
 ó pátria amada vamos vencer

A letra do hino nacional serve como texto de diálogo com os dois livros *Karingana ua karingana* e *Xigubo*, aqui estudados na seguinte perspectiva temática: história e epopeia na poesia de José Craveirinha.

O hino é composto por estrofes, entremeadas por um refrão. Na primeira estrofe, evoca-se a memória de África e do Mundo, alertando para o fato de Moçambique ser uma metáfora da liberdade, por força da luta de seus filhos. Por isso, a liberdade conquistada jamais será perdida. Essa estrofe encontra inspiração em vários poemas de Craveirinha, do livro *Karingana ua karingana*, nos quais a história do povo moçambicano aparece como paradigma de tenacidade e persistência.

A divisão da obra *Karingana ua karingana* apresenta quatro partes que acompanham o percurso histórico de Moçambique. «Fabulário» é o título da primeira parte da obra que contém poemas datados de 1945-1950 e é caracterizada por textos de natureza narrativa que remetem às matrizes históricas e míticas da sociedade moçambicana. O primeiro poema «Karingana ua karingana» dá título a essa obra e introduz os leitores na forma de estar e de estruturar a nossa cultura por meio da narração de nossa própria vida: «Este jeito / de contar as nossas coisas / à maneira simples ... / se transforma a visão do que parece impossível em sonho do que vai ser.»¹ A junção do conto e do sonho, presente na narração existente nesse poema, leva à estruturação de uma forma de comportamento que se identifica com determinados ideais reiterados no refrão do hino nacional de Moçambique. Toda esta primeira parte de *Karingana ua karingana* evoca elementos que formatam a realidade da história do homem moçambicano em seu meio, enfatizando suas aspirações e seus valores culturais.

A segunda parte do livro, intitulada «Karingana» – constituída por poemas datados de 1958, que, entre si, formam uma linha narrativa –, introduz o questionamento da condição de vida do povo. Tal condição traz inúmeras dores materiais e espirituais em face da colonização. O hino nacional ressalta a coesão popular, em Moçambique, em função do combate por intermédio do qual cresceu o sonho que lavrou a certeza do amanhã. No poema «Consternação do Nervo», o eu-poético, numa perspectiva ideológica semelhante à do hino, declara: «O desejo consolida a nossa máquina de entrar ardente no casulo... / mas no meu coração em estado de sítio, minha raça-cão mijá nas botas destes homens...»². Mais adiante, em «História de Amor», o sujeito-poético afirma: «Quantas vezes/ a dor rebentou feliz ... / e cada minuto / cada hora / e cada noite febril / vinham descobrir redescobrir / os fantasmas da nossa tristeza?»³ Estes textos da segunda parte assinalam a consciência da dor; não mostram, contudo, nenhuma paralisação, pelo contrário, funcionam como motivos instigadores para uma efetiva ação.

Processo parecido se passa com os poemas da terceira parte, intitulada «3 Odes ao Inverno», que servem para reforçar a caracterização de vida, já não do homem apenas rural, mas também do homem dos subúrbios, das cidades de

Moçambique. A «1.^a Ode ao Inverno» diz: «... e nas ruas ninguém. / Só o homem do lixo embrulhado / em mortalha de ganga e cacimba / despejando latas ao ladrar dos cães.»⁴ Há, aqui, na voz poética enunciativa, não apenas um travo de dor, mas também uma crítica aguda à situação de humilhação vivenciada, na época, pelos homens envolvidos em miséria e lixo.

A quarta parte, intitulada «Tingolé», traz, de modo mais substancial, a indicação de como é que o povo vai vencer este sofrimento e o que o espera após a vitória. No poema «Sementeira», o sujeito lírico expressa, por intermédio da metáfora da semente, uma ideia épica de germinação da liberdade em Moçambique: «Cresce a semente / lentamente / debaixo da terra escura... / e o grande sol de África vem amadurecendo tudo.»⁵ O hino nacional moçambicano, em uma de suas estrofes, também exprime essa imagem do florescimento libertário: «flores brotando do chão do teu suor / [...] / nós juramos por ti ó Moçambique, nenhum tirano nos irá escravizar.» Semelhante viés ideológico pulsa nos versos de «Canção Negreira», outro poema desse livro de Craveirinha: «... soluções de espasmo latejando no quarto / enche de beijos as sirenas do meu sangue / que meninos das mesmas raízes / e das mesmas dolorosas madrugadas / esperam a sua vez.»⁶ A esperança da pátria liberta lateja nas entranhas dos versos. Também no hino nacional, o último verso do refrão – «ó pátria amada, vamos vencer» – reforça essa certeza tão esperada, encontrando sua inspiração no poema «Sia-Vuma», o texto mais visionário de José Craveirinha:

E não mais o lovolo / e a estiva de manhã à noite / sem o gozo comum dos sexos / e coxas delas penetradas / a invencíveis machos da liberdade / Sia-Vuma! / [...] / E o comboio dos magaiças / será transporte escolar dos meninos da linha / e os comondes celeiros do nosso milho / Sia – Vuma! / E um círculo de braços / [...] / num amplexo a electrogéneo / apertará o imbondeiro sagrado de Moçambique / à música das timbilas / / violas, transístores e xipendanas / Sia-Vuma! / E seremos viajantes por conta própria / / jornalistas, operários com filhas também dançarinas de ballet / arquitectos, poetas com poemas publicados / compositores e campeões olímpicos / Sia-Vuma! / E construiremos escolas / hospitais e maternidades ao preço / de serem de graça para todos / e estaleiros, fábricas, universidades / pontes, jardins, teatros e bibliotecas / Sia-Vuma! / [...] editaremos os nossos livros / semearmos de arroz os nossos campos / sintonizaremos a voz dos nossos emissores / [...] / E ergueremos estátuas aos nossos técnicos / estâncias aos nossos velhos / estádios para os nossos jovens / e represas alegóricas ao pai / [...] Que um enxame de mãos em prece / na orgia fantástica dos augúrios do nhanga / / há-de voltar deste exílio / mais moçambicano conosco / Sia-Vuma!⁷

Esta longa citação do poema foi deliberada para mostrar que a narrativa da poesia de José Craveirinha, em *Karingana ua karingana*, enche as três dimensões do tempo da história: passado, presente, futuro, e que, apesar do tom de revolta e dor que marca grande parte de seus poemas, o otimismo profético está neles impregnado, numa dinâmica que só um visionário pode ter.

A obra *Xigubo* vem, em nossa leitura sobreposta, emprestar também um forte tom épico a esta narratividade. Por intermédio do grito e do tam-tam, o eu-poético adota um tom de luta em «Grito Negro»: «Eu sou carvão! / E tu acendes-me, patrão / [...] Eu sou carvão! / Tenho que arder / E queimar tudo como fogo da minha combustão. / Sim! / Eu serei o teu carvão / Patrão!»⁸. Há, nesses versos, uma nítida crítica à opressão e à exploração sofridas pelo homem negro. No poema «Xigubo», que abre o livro de mesmo nome, assumindo os ritmos milenares de sua própria ancestralidade, o sujeito poético busca as raízes primordiais da cultura moçambicana e africana: «E as vozes rasgam o silêncio da terra / enquanto os pés batem / enquanto os tambores batem / e enquanto a planície vibra os ecos milenários / aqui outra vez os homens desta terra / dançam as danças do tempo da guerra / [...]»⁹

E, neste tom de luta, vai sendo construída a ideia de nação também em outros textos do livro, como no «Poema do Futuro Cidadão»: «Vim de qualquer parte / de uma nação que ainda não existe. / Vim e estou aqui! / Não nasci apenas eu / nem tu nem outro ... mas irmão. / [...] Ah! Tenho meu Amor a todos para dar / do que sou. / Eu! / Homem qualquer / cidadão de uma Nação que ainda não existe.»¹⁰

Xigubo desperta, assim, nos leitores, a consciência de que era preciso abater os valores, a cultura, a fisionomia, a mentalidade do outro, realçando, por outro lado, de modo eufórico, aspectos identitários do eu-africano, conforme se pode depreender, por exemplo, dos versos do poema «Manifesto»: «Oh! Meus belos e curtos cabelos crespos / [...] Oh! E meu peito da tonalidade mais bela do breu.»¹¹ O sujeito poético se assume negro e afirma sua auto-estima. No poema, «África», substitui o ruído das armas dos colonizadores pelas canções épicas que celebram a própria África: «Contra a lógica das suas rajadas de metralhadora, encham-me de sons que não sinto, das canções de suas terras que não conheço, / Amam-me com a única verdade dos seus evangelhos / [...] / e dão-me a única permitida grandeza dos seus heróis / a glória dos seus monumentos de pedra.»¹²

Sendo este artigo um texto com limites de espaço, concludo aqui, considerando que qualquer abordagem à obra de José Craveirinha provoca em nós a sensação de um movimento circular, posto que quase tudo retorna, reafirmando em grande parte o que já foi observado. Contudo, é sempre empolgante reler Craveirinha e sentir o entusiasmo que em nós sua obra provoca, aprofundando nosso sentimento de auto-estima, o orgulho de sermos moçambicanos e a glória de termos este grande vate, inspirador de nosso nacionalismo. Todos são devedores da imensa contribuição deste importante homem à causa moçambicana: as letras, a nação, o povo. Por isso, salve Craveirinha, reconhecido herói e poeta da história e da epopeia de nossa gente!

Resumo: Craveirinha é um poeta que participa na saga fundadora e na promoção do sentido de cidadania de Moçambique; por isso seus poemas inspiraram a letra e a essência do hino nacional moçambicano. A leitura de *Karingana ua Karingana* e *Xigubo* se assenta em uma dupla perspectiva que aborda, de um lado, a linguagem, o ritmo, as figuras de estilo e, de outro, a história e a epopeia do povo moçambicano. Na luta para conquistar a liberdade e construir a nação, o povo teve de enfrentar dificuldades e obstáculos, embora pressentisse a certeza da vitória, uma vez que podia ter como paradigma seus heróis, mitos, lendas, fábulas e narrativas.

Palavras-chave: epopeia, história, cidadania, nação, poesia, Moçambique.

Abstract: Craveirinha was a poet who participated in the saga of the founding and promotion of citizenship in Mozambique, in such a way that his poems inspired the letter and spirit of the Mozambican national anthem. The reading of *Karingana ua Karingana* and *Xigubo* is based on a double perspective that focuses, on the one hand, in language, rhythm, the figures of style, and on the other, in the epic story of the Mozambican people. In the struggle to gain freedom and build the nation, the people had to face difficulties and obstacles, although it felt the certainty of victory, because it could have as paradigm its heroes, myths, legends, fables and narratives.

Keywords: epic, history, citizenship, nations, poetry, Mozambique.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- Baltasar, Rui. *A Poesia de José Craveirinha*. Lourenço Marques, Associação dos Naturais de Moçambique, 1972.
- Chabal, Patrick. *Vozes Moçambicanas: Literatura e Nacionalidade*. Lisboa: Vega, 1994. Chaves, Rita. «Craveirinha, da Mafalala, de Moçambique, do Mundo». In: *Via Atlântica*, n.º 3. Revista do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da F.F.L.CH da USP. São Paulo: USP, 1999, pp. 140-169.
- Craveirinha, José. *Xigubo*. 2.ª ed. Lisboa: Edições, 70, 1980.
– *Karingana ua karingana*. Lisboa: Edições, 70, 1982.
- Leite, Ana Mafalda. *A Poética de José Craveirinha*. 2.ª ed. Lisboa: Ed. Vega, 1991.
– *Oralidade & Escritas nas Literaturas Africanas*. Lisboa: Ed. Colibri, 1998.
- Lisboa, Eugénio. «José Craveirinha». In: *Maderazinco*. Revista Literária moçambicana. Edição 2. Maputo, Dezembro de 2001. Site: <http://www.maderazinco.tropical.co.mz/index.html>.
- Matusse, Gilberto. *A Construção da Imagem de Moçambicanidade em José Craveirinha, Mia Couto e Ungulani Ba Ka Khosa*. Maputo: Livraria Universitária da UEM, 1998.
- Mendonça, Fátima. *Literatura Moçambicana: a História e as Escritas*. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane, 1988.

- Noa, Francisco. *A Escrita Infinita*. Maputo: Livraria Universitária Eduardo Mondlane, 1998.
- Ribeiro, Margarida Calafate & Meneses, Maria Paula (orgs.). *Moçambique: das Palavras Escritas*. Porto: Edições Afrontamento, Julho de 2008.
- Secco, Carmen Tindó. «Vertigens, Labirintos e Alteridades em José Craveirinha e Malangatana Valente». *Terceira Margem*. V. 8, n. Ano VII, Rio de Janeiro, pp. 7-26, 2003. Site: <http://www.letras.ufrj.br/posverna/docentes/62671-2.pdf>.
- Silva, Calane. «Karingana ua karingana dum poeta». In: *Português em Cordel*. N.º 5. Maputo: AMOLP, junho de 1995.

¹ Craveirinha, 1982, p. 13.

² *Ibidem*, p. 45.

³ *Ibidem*, p. 60.

⁴ *Ibidem*, p. 65.

⁵ *Ibidem*, p. 71.

⁶ *Ibidem*, p. 73.

⁷ *Ibidem*, pp. 166-169.

⁸ Craveirinha, 1980, p. 13.

⁹ *Ibidem*, p. 10.

¹⁰ Craveirinha, 1980, p. 18.

¹¹ *Ibidem*, p. 33.

¹² *Ibidem*, p. 15.